

NASCIMENTO, Alanderson Maxson Ferreira do; REBOUÇAS, Francilene Cosme da Silva; NASCIMENTO, Francinaide de Lima Silva. A arte na formação humana integral: entre o formal e o informal. *In*: NASCIMENTO, José Mateus do; SILVA, José Moisés Nunes da (Org). **Educação Profissional e contradições sociais**: pontos e contrapontos. Natal: Editora FAMEN, 2019. p. 196-203. DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2019.lc21>

Capítulo 21

A ARTE NA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL: ENTRE O FORMAL E O INFORMAL

*Alanderson Maxson Ferreira do Nascimento¹
Francilene Cosme da Silva Rebouças²
Francinaide de Lima Silva Nascimento³*



Fonte: Pedro Vitor Gonçalves da Silva

¹ Bacharel e Licenciado em Música. Professor de Arte/Música do IF-Sertão-PE. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: alanderson.nascimento@ifsertao-pe.edu.br.

² Graduada em Pedagogia. Especialista em psicopedagogia. Especialista em Ensino de Ciências Naturais na Educação Básica. E-mail: francilenecosme@yahoo.com.br.

³ Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: francinaide.silva@ifrn.edu.br.

RESUMO

O capítulo apresenta uma reflexão acerca da Educação Profissional a partir da música enquanto linguagem artística necessária à Formação Humana Integral dos indivíduos na sociedade contemporânea. Para tanto, delimita-se as categorias educação e trabalho, compreendidas enquanto dimensões ontológicas e sociológicas. A metodologia do estudo compreendeu o uso de fonte fotográfica e revisão bibliográfica para expressar conceitos que dialogam com o campo da educação profissional integradora. Ancora-se nos pressupostos teóricos de Antunes (2000), Braverman (1977), Friedman (1988), Gamboa (2001), Harvey (1993; 2011; 2008), Moura *et al.* (2012), Saviani (2003), Spinelli e Lira (2007), dentre outros. Assinala-se a necessária presença da arte, especificamente, da música na formação humana integral propiciada pela escola e sociedade às classes trabalhadoras.

Palavras-chave: Arte. Formação humana integral. Educação Profissional.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta uma reflexão acerca da Educação Profissional a partir da música enquanto linguagem artística necessária à Formação Humana Integral dos indivíduos na sociedade contemporânea. Para tanto, delimita-se as categorias educação e trabalho, compreendidas enquanto dimensões ontológicas e sociológicas.

No tocante aos aspectos teóricos, ancora-se nos pressupostos de Antunes (2000), Braverman (1977), Friedman (1988), Gamboa (2001), Harvey (1993; 2011; 2008), Moura *et al.* (2012), Saviani (2003), Spinelli e Lira (2007), dentre outros.

Em relação aos aspectos metodológicos, compreendeu o uso de fonte fotográfica e revisão bibliográfica para expressar conceitos que dialogam com o campo da educação profissional integradora. Parte de um registro fotográfico realizado em um Shopping da cidade de Natal-RN, no ano de 2019, e de sua análise. A finalidade era captar indivíduos em situação de trabalho e relacioná-los aos aspectos de educação e sociedade ensejados.

Neste sentido, sobre a fotografia registra-se que ela apresenta um músico, precisamente um pianista em atividade laboral. Sabe-se que o referido Shopping contrata profissionais do naipe em questão para a execução de peças musicais em dias da semana e horários preestabelecidos. A imagem realça um profissional que faz apresentações no pátio central do estabelecimento comercial destinado aos transeuntes, usuários, consumidores das lojas ou, simplesmente, aos apreciadores da

linguagem artística expressa por meio da música.

O fato é que este profissional cedeu seu espaço no instrumento para uma mulher artista, provavelmente transeunte⁴. No momento do registro o pianista está em pé, com a cabeça levemente baixa, em postura relaxada sobre o piano, certamente apreciando a apresentação. A musicista, por sua vez, está sentada no banco do piano, com a cabeça levemente baixa concentrada, em postura de execução de uma peça musical pianística, tocando provavelmente de memória, haja vista que as partituras a sua frente fazem parte do repertório apresentado pelo pianista. Ela usa trajes que a enquadram enquanto pertencente à uma elite intelectual e econômica da sociedade natalense. Infere-se, também, que o ar despreocupado demonstrado pelo músico deve-se ao fato de, certamente, conhecer a pianista, além de saber que ela tem conhecimento técnico suficiente, uma vez que exprime uma estética própria de profissionais.

Outro aspecto a ser assinalado é que dos quatro expectadores, três estão fazendo uso de seus aparelhos celulares e, claramente, somente um está em atenção direta à apresentação no momento da captura. Obviamente que há outros usuários do estabelecimento em atenção total à apresentação e na apreciação da arte musical.

Desse modo, parte-se do pressuposto que a música, enquanto linguagem artística, é uma expressão da cultura humana e enseja importantes reflexões quanto à educação e à sociedade, também pelo viés das relações de trabalho vigentes.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA CONCEITUAL

A música e a mediação artística da formação humana integral

Um dos temas caros à Educação Profissional é a concepção de politecnia. Moura *et al.* (2012), fundamentado nos pressupostos marxistas, sobre a educação politécnica mostra que ela é concebida enquanto desenvolvimento integral do indivíduo. Para Karl Marx a educação da classe trabalhadora deveria se fundamentar na educação mental ou intelectual, da educação para o trabalho do corpo e a instrução tecnológica para que este indivíduo compreendesse os processos da produção e do

⁴ Na linguagem coloquial dos profissionais da música este tipo de atividade denomina-se “canja”.

manejo dos instrumentos da prática de seu ofício. Desse modo, nota-se no ideário marxiano a indissociabilidade entre a educação do corpo, a intelectual e a tecnológica. Mas, sobretudo, a percepção consciente do indivíduo acerca do processo em que está envolvido.

Neste âmbito apresenta-se a reflexão sobre a arte enquanto uma das linguagens a ser apreendida, ou desenvolvida, pelo indivíduo para sua plena educação. Contudo, faz-se necessário ponderar sobre a educação e o trabalho na sociedade capitalista vigente. É válido ressaltar que uma vertente do capitalismo prega a divisão do trabalho e, desse modo, “poucas pessoas para quem se reservam instrução e conhecimento são isentas tanto quanto possível da obrigação de simples trabalho” (BRAVERMAN, 1977, p. 80). Nos dias atuais ainda encontramos pessoas para quem o conhecimento priva o simples e o tempo é tido como algo valioso. Por outro lado, encontramos também aqueles para quem o tempo pouco importa. Como este pensamento de divisão da classe operária a partir do conhecimento ou da falta dele contribui para o desenvolvimento da sociedade? Enfocando o tema da arte, de que forma acessar a esta linguagem transforma o indivíduo e suas relações sociais, aí incluídas as de educação e trabalho?

Acredita-se que o mérito pela busca do conhecimento não deve diminuir a importância daqueles que contribuem para a construção da sociedade a partir da atividade laboral mais elementar. Assim, não se pode observar este pensamento de divisão de trabalho apenas pela ótica da meritocracia, ou seja, determinado trabalhador contribui mais porque estudou mais, enquanto outro tem sua parcela menor de contribuição porque obteve um conhecimento inferior. A lógica da hierarquização não deveria ser aplicada. Em termos mais claros, usando como exemplo o espaço de uma indústria, não se pode dizer que um funcionário do galpão da linha de produção é menos importante que o que está na sala, observando ou fiscalizando. Por isso, pode-se refletir que esta prática de divisão do trabalho tanto contribui para o desenvolvimento social quanto para o monopólio do capital. Na indústria a referência é o capital econômico, obviamente.

Pierre Bourdieu (apud SILVA, 1995) traz a reflexão acerca do capital cultural o qual é acumulado a partir da imersão com uma diversidade de produtos advindos da produção humana. Nesse ponto, relaciona-se a educação enquanto produção cultural, da qual faz parte também a arte e, mais especificamente, a música.

Para voltar-se à análise da fotografia em questão, assinala-se o aspecto da mediação entre o músico profissional e a musicista transeunte. Na educação, este conceito é compreendido na dimensão simbólica cognitiva (Lev Vygotsky), como também na metodológica (Paulo Freire). Compreende-se que o acesso à música e as demais expressões da arte são exemplos claros do alcance deste capital cultural. E, ainda, que nem todos os indivíduos chegam a este na sociedade vigente.

Fato notório é que se ressalta o papel do outro e/ou sua participação na mediação da aprendizagem. Isto postula ao docente, ou ao sujeito mais experiente, um caráter de mediador. Todavia, voltando-se à influência dos princípios econômicos à educação, ressalta-se que em alguns momentos da história, ao docente coube também o papel de gerente, conforme Braverman (1977, p.61) a emergência desta função se deve “pelo próprio exercício do trabalho cooperativo”.

Ao refletir sobre as questões inerentes à prática docente na educação básica, observa-se que em alguns casos os professores necessitam realizar suas atividades em mais de uma unidade escolar. Para o rendimento profissional, esta necessidade é imposta por um sistema que gerencia a educação com pensamentos de classe operária – muito mais do que como contribuinte da formação humana – enfraquece sua proximidade com aqueles aos quais o docente deveria estar mais próximo, o aluno.

Esta proximidade do professor com o aluno, com a escola e com o ambiente social em que ela está inserida, propiciaria ao professor uma maior contribuição, sentir-se parte da escola e não apenas o sentimento de que estar na condição de operário, o qual deve cumprir determinada carga horária de trabalho e que isto é soberano a qualquer outra necessidade educacional. Esta é uma realidade enfrentada por muitos profissionais. Dentre estes podemos citar a figura do professor de Artes (e de música, por conseguinte) que pelo fato desta disciplina ter uma carga horária menor dentro do currículo da educação básica, acaba por transitar em várias escolas para cumprir sua carga horária. Desse modo, este profissional fica incapacitado de, por exemplo, realizar um projeto artístico com alunos de uma única escola. Observamos esta realidade também na categoria dos músicos que realizam trabalhos artísticos práticos (como o caso do pianista da fotografia). É comum que o músico realize uma apresentação em local e no mesmo turno realize uma ou mais apresentações em outros ambientes. Esta necessidade se dá pelo fato da desvalorização do trabalho da categoria.

Segundo Saviani (2003) o trabalho constitui a realidade humana e a formação

do homem está centrada nesta realidade. Desse modo, a relação entre a politecnia e a formação escolar é estreita e deve-se à condição ontológica e sociológica do trabalho e da educação, propriamente.

A escola sempre se relacionou com as necessidades da sociedade. Houve momentos em que a mesma se restringia a uma pequena parcela da humanidade, pois acreditava-se que as habilidades desenvolvidas na mesma eram privilégios para poucos. À medida que as necessidades capitalistas vão requerendo uma mão de obra mais qualificada, de um operário que não apenas executasse uma tarefa repetitiva (como em Frederick Taylor) foi se concretizando a necessidade de espaços que formassem “o novo homem”. Assim, à medida que o processo escolar se desenvolve, emerge a exigência de explicitar os mecanismos que caracterizam os processos de trabalho. No tocante à formação no ambiente escolar, a politecnia necessita propiciar ao indivíduo um desenvolvimento multilateral, que abarque as práticas produtivas e os princípios que estão na base da organização da produção moderna.

Spinelli e Lira (2007) asseveram que qualquer mudança no terreno do capital financeiro deve vir de baixo, das classes menos favorecidas. Eles creditam às classes trabalhadoras a influência no controle do capital rentista, tendo em vista que esta mesma classe constitui a grande parcela dos endividados pela grande máquina da taxa de juros bancários. Esta mesma classe é espoliada de direitos básicos, dentre os quais a educação.

A sociedade civil é o espaço onde se enraízam e brotam as práticas mais relevantes para a formação da vida política e de onde emergem os projetos de conservação e transformação social. Por isso, é evidente a luta pela hegemonia de outras classes em detrimento desta (a classe empresarial, por exemplo). Esta sociedade é de tal maneira importante que Antonio Gramsci ampliou o seu conceito de Estado, passando a articulá-lo com as instituições da sociedade civil. Todavia, o próprio Gramsci alertou que o poderio desta classe pode ser enfraquecido através do corporativismo. Para ele “o proletariado só poderá desenvolver um rico espírito de sacrifício se for capaz de se libertar completamente de todo resíduo corporativo”.

Retomando a reflexão sobre arte, trabalho e educação. Faz-se mister assinalar que grande parcela da sociedade contemporânea não tem acesso à arte dita erudita. Isto se deve ao fato de as instituições de ensino básico terem problemas na garantia de acesso aos ensinamentos, pelos mais diversos fatores, os quais não faremos menção

neste texto. Mas também, a própria concepção de arte carece de ampliação, a fim de que haja a inserção da produção popular e sua identificação com as formas de expressão cultural humana.

Na fotografia em destaque, ratifica-se que, enquanto a execução da peça é entretenimento para uns, ao mesmo tempo é trabalho para o profissional retratado. Um trabalho que ganha relevância também para a formação de plateias.

Outro aspecto que necessita ser avaliado é a relação de gênero e geração ensejada. Durante muito tempo as mulheres da elite aprenderam a tocar piano em suas próprias residências, assim como aprendiam a leitura, a escrita, o tear, dentre outros ensinamentos. É válido ressaltar que este era compreendido como um aprendizado que se adequava às qualidades femininas; não era visto como uma profissão. Em vários romances literários as cenas de entretenimento feminino tocando piano são comuns, sobretudo, se tiverem por cenários os séculos XVIII e XIX, por exemplo. Com o passar do tempo e a inserção das mulheres na escola, o aprendizado de piano no ensino regular figurava como tarefa comum, realidade diferente do Ensino da Música na educação básica vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade o instrumento piano é espaço destinado à elite, econômica e intelectual, pelo fato de ser pouco acessível do ponto de vista financeiro e, ao mesmo tempo, de aprendizado. Não é um instrumento popular. Pressupõe-se que, no caso em tela, a pianista teve uma formação domiciliar ou escolar. Enquanto o pianista, muito provavelmente, por estar em outra faixa geracional, necessitou frequentar instituição de Ensino Especializada em Música. Além disso, as grandes marcas deste instrumento são europeias; contudo, no caso em questão, trata-se de um modelo *Fritz Dobbert*, fabricado no Brasil. De todo modo, assinala-se a necessária presença da arte, especificamente, da música na formação humana integral propiciada pela escola e sociedade às classes trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a e a negação do trabalho. São Paulo: BOITEMPO, 2000.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e Liberdade**. Tradução Luciana Carli. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

GAMBOA, Sívio Sánchez. A globalização e os desafios da Educação no limiar do novo século. *In*: LOMBARDI, José Claudinei. (Org.). **Globalização, Pós-modernidade e Educação**: história, filosofia e temas transversais. Campinas: Associados, 2001.

HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HARVEY, David. **O Enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HARVEY, David. O neoliberalismo em julgamento. *In*: _____. **O Neoliberalismo**: histórias e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**: ensaios sobre a globalização. Tradução Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MOURA, Dante; LIMA FILHO, Domingos; SILVA, Ribeiro. Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 35., Porto de Galinhas, 2012 **Anais [...]** Porto de Galinhas: ANPEd, 2012.

PAULINO, Robério. Desregulamentação, desindustrialização e reconcentração de renda na crise dos EUA. **Economia Política do Desenvolvimento**, v. 5, p. 77-106, 2014.

SAVIANI, Demerval. O choque teórico da politecnicidade. **Educação, Trabalho e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 131-152, 2003.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital Cultural, Classe e Gênero em Bordieu. **Informare**, v. 1, n.2, p.24-36, jul./dez.1995.

SPINELLI, J. A.; LYRA, P. R. Capitalismo de acumulação flexível e as categorias gramscianas. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 567-587, jul./dez. 2007.

VITULLO, Gabriel E. Ascensão, auge e decadência do neoliberalismo na América Latina. **Cadernos PET**: artigos acadêmicos, v. 5, p. 31-48, 2011.